

SAÚDE

De acordo com o Unicef, entre 2019 e 2021 essas crianças não receberam sequer uma dose de vacina contra difteria, tétano e coqueluche. O dado é semelhante em relação à paralisia infantil

Brasil deixou de vacinar 1,6 milhão de crianças

Já tivemos 95% de cobertura em relação a vacinas como a da poliomielite, e agora não chegamos a 60% de crianças vacinadas. Esse quadro tem que mudar. Para isso, de uma maneira muito clara, temos de combater o negacionismo em relação a essa proteção dada pelas vacinas”

BERNARDO ETIENNE
Cerca de 1,6 milhão de crianças no Brasil não receberam entre 2019 e 2021 uma dose sequer de vacinas DTP, que previnem difteria, tétano e coqueluche. O dado é semelhante em relação à proteção contra a poliomielite ou paralisia infantil, no mesmo período. As informações foram levantadas no relatório Situação Mundial da Infância 2023 do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) apresentada ontem, durante entrevista coletiva no auditório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em Brasília. Em Minas Gerais a situação também é preocupante. Entre 2019 e 2021, mais de 95 mil crianças e meninas não receberam dose de vacinas DTP. No mesmo período, foram mais de

87 mil sem qualquer imunização contra a poliomielite ou paralisia infantil, no estado. O cenário apontado pelo relatório fica mais grave quando se leva em consideração a imunização completa e o seja a aplicação de todas as doses previstas no plano de vacinação. Neste caso, tanto para a DTP quanto para a proteção contra a poliomielite, o número de crianças desprotegidas sobe para 2,4 milhões entre 2019 e 2021. O relatório aponta que 40% das crianças sem proteção contra difteria estão em coqueluche da América Latina estão no Brasil. Além do número considerado alto de pagamos não imunizados, a cobertura vacinal historicamente alta no país, também vem amargando queda no período analisado. “Essas crianças foram detacadas para trás, ficando desprote-

das de doenças sérias e evitáveis. As crianças nascidas pouco antes ou durante a pandemia ageressão ultrapassando a idade em que normalmente seriam vacinadas, ressaltando a necessidade de uma ação integrada para alcançar aquelas que perderam as vacinas e prevenir surtos e a volta de doenças já erradicadas no Brasil, como a pólio”, afirma Yousouf (Unicef) representante do Unicef no Brasil. A apresentação dos resultados do relatório teve a participação de membros do Ministério da Saúde, incluindo o chefe de pasta, Nísia Trindade. A ministra destacou que o objetivo é retomar os altos percentuais de cobertura vacinal entre as crianças no país. “Já tivemos 95% de cobertura em relação a vacinas contra a poliomielite, e agora não chegamos a 60% de crianças

vacinadas. Isso quando tem que mudar. Para isso, de uma maneira muito clara, temos de combater o negacionismo em relação a essa proteção dada pelas vacinas e as fake news, que infelizmente têm sido veiculadas de uma forma irresponsável e criminosas”, disse Nísia Trindade. O cenário nacional acompanha uma tendência global, já que 112 países também tiveram quedas de cobertura entre 2019 e 2021. A pandemia é apontada como um dos fatores que explicou esse contexto por ter exacerbado as desigualdades sociais. De acordo com o Unicef, uma a cada cinco crianças não recebeu vacina em domicílios mais pobres, sendo que em localidades mais ricas, esse proporcão cai para uma criança em 20. A maior taxa de desproteção é percebida em zonas rurais, co-

munidades indígenas e nas periferias de grandes cidades. O diretor do Departamento de Imunizações do Ministério da Saúde, Faber Gatti, contextualizou os números de crianças não vacinadas no país nos últimos anos. Segundo ele, a realidade apresenta desafios e a quantidade de crianças desprotegidas rebounde diante do número total. “O levantamento que o Unicef fez mostra pra gente que o Programa Nacional de Imunizações tem um grande desafio. O Brasil tem em média 3 milhões de nascidos vivos por ano. Esse é o grupo que nasce e recebe as vacinas, então estamos falando mais ou menos de 9 milhões de crianças. Ter 1,6 milhão sem nenhuma vacina é um quantitativo grande, um número que não nos orgulha e nos deixa muito preocupado”, disse Gatti durante a coletiva.



A ministra da Saúde, Nísia Trindade, no centro, participa do lançamento do estudo Situação Mundial da Infância, ao lado de representantes do Unicef



Relatório mostra que o Brasil falhou na imunização das crianças

Estratégia é combater a desinformação

Durante a coletiva de apresentação do relatório, o equipode do Ministério da Saúde tratou sobre o combate à desinformação como estratégia para reatuar o ritmo das imunizações no país. Questionada sobre métodos que desestimulam a vacinação de crianças, a secretária de Vigilância em Saúde, Fabiana Nogueira, destacou que a pasta faz reuniões com entidades profissionais para combater esse comportamento. “Estamos com várias ações, já tivemos uma reunião com a Associação Médica Brasileira e nossa próxima ação é com os conselhos federais. Essas pessoas (que desestimulam a vacinação) contêm crimes contra a saúde pública, precisam ser combatidas conforme a lei. O ministro já enviou um ofício para todos os conselhos perguntando sobre as ações que eles estão tomando para combater esses profissionais que estão sendo responsáveis pela ampliação do movimento antívacina no Brasil”, afirmou a secretária.

De acordo com o relatório Situação Mundial da Infância 2023, houve uma queda na percepção da importância da imunização infantil em 52 dos 55 países pesquisados. No Brasil, antes da pandemia, 99,1% confiavam nas vacinas para crianças e esse índice caiu para 88%. O perfil da queda da confiança entre os brasileiros, no entanto, é diferente do resto do mundo. Enquanto no restante global, a redução foi observada entre mulheres e pessoas com menos

de 35 anos, por aqui, a incerteza cresceu mais entre homens com mais de 65 anos. De acordo com o Ministério da Saúde, o perfil dos que desconfiam das vacinas no Brasil coincide com o do integrante médio de grupos de desinformação nas redes sociais e da criação de mensagens de ódio a secretária Tildá Meici também responsabiliza a postura do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para construção do cenário. “O gente tinha mais de 97% de aceitação de vacinas no Brasil antes da pandemia e antes desse último governo que foi portavoze desse movimento antívacina no Brasil. Isso precisa sempre ser lembrado. Inclusive temos aí um ex-presidente respondendo processo por ligar a vacina contra COVID à transmissão do vírus H1N1. E nesse mundo que chegamos no Brasil, onde tínhamos a maior autoridade falando esse tipo de bobagem. Responde por processo e espero que possa ser responsabilizado pelo que disse e ter levado várias pessoas à divórcio e desconfiança”, afirmou.

SUCESOS Para reverter o quadro de vacinação infantil no Brasil, o relatório do Unicef sugere que o governo federal ofereça educação importante todas as crianças, especialmente aquelas que perdiam a vacinação durante a pandemia de COVID-19, que fortaleça a demanda por vacinas, inclusive com o uso de confiança, que priorizem o fi-

nanciamento de serviços de imunização e atenção primária à saúde e reforço os sistemas de saúde, incluindo investimento e valorização de profissionais de saúde, em sua maioria mulheres. A busca ativa das crianças que não foram vacinadas e o calendário de imunizações é um dos pontos preocupantes do estudo global. O representante do Unicef no Brasil destacou que preciso ter ligação nas ações, desta natureza para que as crianças consigam receber o tempo perdido sem vacinas. “Uma busca ativa desses crianças, criando parcerias com municípios e maiores números absolutos de não vacinadas e não imunizadas, é essencial, pois elas ficaram para trás, e o risco de novas surtos e imunizações precoces contra doenças evitáveis. É urgente, também, renovar as campanhas de vacinação e estratégias de comunicação voltadas a famílias e profissionais de saúde, mas de forma regionalizada”, afirmou.

Para especialistas em Saúde do Unicef no Brasil, Francisca Maria Andrade, imunizar o país envolve um esforço conjunto do poder público com a sociedade. “É extremamente importante que além dos governos dos estados e dos municípios, as famílias contribuam e levem as crianças para se vacinar, que as pessoas combatam as fake news, falem sobre a importância de vacinar, que as vacinas são seguras e são um direito de todas as crianças”, disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Nacional Pagina: 5